

NÃO HÁ SONHOS
IMPOSSÍVEIS

SHIMON PERES

NÃO HÁ SONHOS IMPOSSÍVEIS

TRADUÇÃO:
Marta Amaral

matéria·prima
edições 

Copyright © Shimon Peres e Matéria-Prima Edições
Todos os direitos reservados.

© 2018, Matéria-Prima Edições
Av. Miguel Bombarda, 42-1.º C
1050-127 Lisboa
Telefone: 213 563 284
geral@mpedicoes.com
www.materiaprimaedicoes.com

Título: *Não há sonhos impossíveis*
Autor: Shimon Peres
Tradução: Marta Amaral
Revisão: Cristina Silveira de Carvalho
Paginação: Gráfica 99
Capa: Pedro Fernandes/Matéria-Prima Edições
Foto de capa: Istock

Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
1.ª edição: setembro de 2018
ISBN: 978-989-769-139-3
Depósito legal: xxx xxx/18

Índice

Prefácio	9
1. Chamado a Servir	11
2. Independência, Aliança e a Luta pela Segurança	43
3. A Lenda e o Legado de Dimona	87
4. A Operação Entebbe e a Virtude da Audácia	111
5. Construir uma nação de <i>start-ups</i>	145
6. A Busca da Paz	173
Epílogo	217
Posfácio	223

Prefácio

Shimon Peres faleceu em 28 de setembro de 2016, a poucos dias de vir a Portugal, como havíamos ajustado meses antes, para dar o seu testemunho de vida. O mesmo testemunho que perpassa esta obra virada para o futuro e que obedece a duas ideias-centrais: na vida não há lugar para pequenos sonhos e o que de melhor nela fizemos é sempre o que ainda estamos por fazer. Isto é, o futuro. Tudo o mais é secundário.

Mas cada qual tem o seu sonho maior, naturalmente ligado à sua biografia, isto é, à sua memória, ao que de essencial retém do bom e do mau que foi sendo a sua existência.

Para Shimon Peres – ele que nasceu onde nasceu, assistiu, criança e adolescente, ao que assistiu –, o sonho era desde sempre muito óbvio: construir a Paz. Construir a Paz na região porventura mais complexa do universo. Toda a sua vida, depois de ter assumido esse sonho, foi devotada a prosseguir-lo. Como o mundo reconheceu com o Prémio Nobel. Mas porque a realidade é sempre mais insondável e imprevisível do que a mais intrincada ficção, nunca pôde ver essa Paz concretizada. Duradoura, definitiva.

A questão que nos assalta ao lermos de um fôlego este retrato de vida é, ao mesmo tempo, simples e dramática: haverá um dia Paz, a Paz que Shimon Peres sonhou, naqueles lugares santos para

tantos tão diferentes? Haverá algum dia dois Estados a coexistirem pacificamente como ele e muitos outros sonharam?

Aqui chegados, ou somos dos que, embora sem o seu génio, lutamos pelos ideais, ou somos dos que nos resignamos à nua e dura inevitabilidade dos factos. Porque sou dos primeiros, acredito na Paz. Acredito na luta de Shimon Peres. Acredito que a Paz se faz com vontade de fazer e não de desfazer, com diálogo e não com arrogância – de qualquer dos que a devem construir–, com espírito paciente, mas inspirador dos fazedores de Paz.

Dito isto, o resto é sabido: Shimon Peres foi um estadista mais do que um mero político, viu longe e largo e não curto e limitado, tinha memória e cultura e saber sobre as ideias e os seres humanos e não vivia o quotidiano com a leveza que só a ignorância dos textos e das pessoas permite.

Foi Prémio Nobel por causa da Paz? Foi. Foi sobretudo um daqueles criadores de História que nela entram para ficar, mesmo que o apressado juízo comum deles diga que o seu sonho nunca foi realidade.

O que importa isso? Era o sonho justo. E está por provar que o mundo tenha ficado melhor sem essa Paz, sem esse sonho, sem essa luta nunca terminada. Além de que, para dar vida a esse mesmo sonho, estamos cá ainda muitos de nós por todo o universo. Os que não renunciamos à Paz. Nem hoje, nem nunca.

Marcelo Rebelo de Sousa

Presidente da República Portuguesa

Setembro de 2018

CAPÍTULO 1

Chamado a Servir

Tinha onze anos a primeira vez que vi aquele sítio, escondido entre as árvores. A casinha pertencia aos meus tios, que a construíram depois de virem para a terra de Israel. Estávamos em 1934, quando a zona apenas albergava umas poucas centenas de milhar de judeus; as estradas não eram alcatroadas e a terra encontrava-se, na sua maior parte, despovoada.

À medida que nos aproximávamos, reparei que as árvores não eram de nenhuma espécie que conhecesse; era um laranjal, plantado por agricultores. Gigi, o meu irmão mais novo, e eu desatámos a correr por entre as fileiras perfeitas, cada árvore carregada de mais de cem frutos gordos e brilhantes. O que restava das flores de laranjeira enchia o ar de uma fragrância encantada.

De repente, senti que voltava à minha aldeia judaica – o *shtetl*, como lhe chamavam –, ao momento em que vira uma laranja pela primeira vez, um lugar muito, muito longe.

O nosso *shtetl* era conhecido pelo nome de Vishneva. Ficava junto da fronteira da Polónia com a Rússia, uma faixa de terra rodeada de floresta num aparente estado de inverno eterno. Durante semanas e semanas, o vento gélido e cortante chicoteava as finas bétulas, e varria, sem dó nem piedade, as pessoas no mercado. Mesmo no verão parecia que raramente víamos o sol.

E, contudo, apesar do frio e do isolamento, havia um calor e uma magia a envolver o *shtetl*, uma cultura de bondade e comunidade. Encontráramos, uns nos outros, um lugar a que pertencer.

A nossa era uma vida simples: havia apenas três estradas, cada uma ladeada de toscas casas de madeira. Não existia água canalizada nem eletricidade. Mas havia uma estação de caminhos de ferro, a uns cinco quilómetros, e através dos seus viajantes e das suas encomendas conseguíamos um vislumbre – e um cheirinho – do mundo para além da floresta.

Ainda recordo esse momento poderoso, essa primeira laranja. Os meus pais tinham-me levado a casa de uns amigos, onde um grande grupo se reunira. Um homem novo, recém-chegado da terra de Israel, entretinha a multidão com grandes histórias de uma terra distante. Falava no sol interminável e na cultura exótica, em pedaços de deserto com árvores de fruto, de judeus rijos e bronzeados que trabalhavam e lutavam com as mãos. Quando terminou, voltou-se para uma caixa que tinha atrás de si e abriu-a, para que todos a vissem. Ouvia-se um arfar na sala. A apresentação parecia seguir um cerimonial, um conjunto de formalidades que sugeria que ia sendo repetida. Uma a uma, cada pessoa escolheu um pacote da caixa, delicadamente desembalhou a espécie de pergaminho, e encontrou uma laranja de Jaffa madura, diretamente apanhada da árvore. Quando chegou a minha vez, lenta e cuidadosamente peguei no pacote, com medo de fazer alguma coisa mal. Levei a laranja ao nariz, inalando pela primeira vez o cheiro de um citrino. Era realmente extraordinária – a cor, a fragrância, o sabor – e tão sobrenatural quanto um rapazinho conseguia imaginar. Era muito mais do que uma peça de fruta; era um símbolo das minhas esperanças e aspirações.

A minha família vivia ali há gerações. E, na verdade, há várias centenas de anos que aquela zona era um sítio a que os judeus

chamavam seu. Mas, apesar da beleza simples, nenhum dos meus pais considerava Vishneva a sua morada permanente. Viam-na mais como uma estação, uma de muitas paragens ao longo da estrada de milhares de anos que nos conduziria de volta à nossa pátria. A terra de Israel não era apenas o sonho dos meus pais; era o objetivo de vida que animava muitas das pessoas que conhecíamos. Parecia que, a cada encontro, a conversa se voltava sempre para a ida para Sion, para o abandono do *shtetl* que amávamos, para o encontro com os pioneiros que estavam a reclamar a nossa terra. Falávamos muito de Theodor Herzl, o fundador do movimento sionista, que defendia que o futuro do povo judeu dependia da existência de um Estado judaico, unido não apenas pela religião, mas pela língua e pela nacionalidade. “Eles que nos deem a soberania sobre um pedaço da superfície da terra, o suficiente para as necessidades do nosso povo. Então faremos o resto.”

O sonho de Herzl tornara-se o meu. Pensava na minha família como pessoas que viviam de forma satisfatória, mas no exílio. Falávamos hebraico, pensávamos em hebraico, e devorávamos as notícias que vinham do Mandato Britânico da Palestina, o território controlado pela Grã-Bretanha que incluía a nossa pátria ancestral. Um desejo coletivo – um anseio pelo regresso – invadiá-nos de forma poderosa. Em certas alturas, sentia que estava no purgatório, entre um passado muito distante e um futuro iminente. Quanto mais nos aproximávamos do futuro, mais insuportável parecia a demora.

Apesar do desejo de andar para diante, as minhas memórias de infância são doces e incontáveis. A minha mãe, Sara, era brilhante e adorável. Tinha formação de bibliotecária e era amante da literatura russa. Poucas coisas lhe davam mais alegria do que ler, uma alegria que partilhava comigo. Cresci para ser um homem dos livros, mas comecei por ser um rapaz dos livros, a ler junto à

minha mãe. Havia nisso um delicioso desafio – tentar estar a par dela –, quanto mais não fosse pela discussão que se seguiria. O meu pai, Yitzhak (conhecido como Getzel), era comerciante de madeira, como fora seu pai. Era caloroso, generoso, atencioso e empenhado. Transbordava energia e bondade. Estava sempre a incentivar-me e sorria com os meus feitos. O seu amor incutia-me confiança, e a confiança dava-me a capacidade de voar. Sentia-me profundamente abençoado.

Os meus pais criaram-me sem muitas barreiras ou limites, sem nunca me dizerem o que fazer, confiando sempre que a minha curiosidade me conduziria pelo caminho certo. Quando era mais pequeno, e encenava pequenos espetáculos e fazia discursos diante deles e dos seus amigos, apenas recebia encorajamento. Às vezes fazia imitações (havia algumas pessoas na aldeia cujas vozes e maneirismos reproduzia na perfeição). Outras vezes fazia palestras formais sobre a natureza do sionismo ou as virtudes relativas dos meus escritores favoritos. Para os adultos era um rapazinho precoce com um brilhante futuro. Para mim, era o início de algo maior. Para os meus colegas de escola, porém, era uma espécie de proscrito, tão diferente dos outros rapazes. O que eu era então foi o que continuei a ser: aos noventa e três anos ainda sou esse rapazinho curioso, apaixonado pelas perguntas difíceis, dado ao sonho e incólume às dúvidas dos outros.

Os meus pais ajudaram a moldar o homem em que me tornei, mas foi com o meu avô, o Rabi Zvi Meltzer, que profundamente admirava, que construí uma das ligações mais importantes da minha vida. Era um homem bem constituído, que sempre pareceu alto. Frequentara as melhores *yeshivas* da Europa, estava entre os membros fundadores da Escola Sionista Hebraica Tarbut e era um dirigente destacado da comunidade judaica. Naquela aldeiazinha existiam três sinagogas e duas bibliotecas: uma com livros em

hebraico e outra com livros em ídiche. Se o sionismo era o centro da nossa vida cívica, o judaísmo era o centro da nossa vida moral. Ele era a figura de autoridade que orientava a minha família e, devido à posição e mente excecional, o líder comunitário para quem todo o *shtetl* se virava em busca de sabedoria.

Sentia-me especialmente sortudo, não só por ter uma figura tão importante na família, como por ela me dedicar especial atenção. O meu avô foi o primeiro a ensinar-me a História do povo judeu, e o primeiro a dar-me a conhecer a Torá. Todos os *shabat* juntava-me a ele na sinagoga e seguia atentamente a leitura semanal. Como os outros judeus, considerava o Yom Kippur, o Dia da Expição judaico, a mais importante das festas religiosas. Mas para mim tinha um especial significado, para além do que lhe era inerente, porque podia ouvir o meu avô a cantar. Só nesse dia é que prestava o serviço de *cantor*, e a sua maravilhosa voz entoava a assombrosa e belíssima oração do *Kol Nidre*. Emocionava-me até ao mais fundo da alma, e escondia-me sob o seu manto da oração, o único lugar onde me sentia seguro num dia tão sério. Da escuridão deste esconderijo pedia a Deus que perdoasse os transgressores e tivesse misericórdia de cada homem, pois Ele mesmo lançara as sementes da fraqueza.

À sua imagem, e através dos seus ensinamentos, tornei-me muito religioso na infância, muito mais do que os meus pais. Cheguei a acreditar que a minha obrigação era servir Deus através dos Seus mandamentos, e que nenhuma exceção poderia ser tolerada. Os meus pais desconheciam a profundidade deste compromisso até ao dia em que o meu pai trouxe para casa um rádio, o primeiro de Vishneva. No seu entusiasmo em mostrar à minha mãe como funcionava, ligou-o no *shabat* – um período de descanso e contemplação durante o qual o judaísmo proíbe certas ações, incluindo as necessárias à ligação de um rádio. Fiquei furioso. Atirei-o ao